

ROBERTO CARLOS ABRE AS PORTAS DE SEU REINO

Maíra Zimmermann *

Resenha da exposição ROBERTO CARLOS: 50 ANOS DE MÚSICA, 05/03 a 09/05 de 2010, Parque Ibirapuera, Oca, São Paulo, SP, 2010.

Caminhar em São Paulo pela famosa Rua Augusta hoje em dia pode ser uma experiência, no mínimo, interessante: por ali, circulam, principalmente nas noites dos fins de semana, centenas de adolescentes trajados de forma bastante peculiar. São as “tribos” juvenis dos *emos*, *indies*, *street-style*, enfim, jovens que por meio do visual “diferenciado” buscam pertencer e mostrar-se aos seus pares.

Se alguém abordar um juvenzinho com a calça apertada (o famigerado *skinny jeans*), cabelo na testa e terninho justo e perguntar-lhe se ele teve como inspiração Roberto Carlos, certamente ele questionaria se por acaso a pessoa em questão seria aquele senhor grisalho, que até pouco tempo usava *mullets* e conjuntos monocromáticos de calça e blazer maior que seu tamanho, a estrela do Especial de fim de ano da Rede Globo. Sim, exatamente este. Creio que a maioria deles não faça ideia de que nos anos 1960 foi o próprio Roberto Carlos quem

* Mestre em Moda, Cultura e Arte (Centro Universitário Senac), especialista em Jornalismo de Moda e Estilo de Vida (Universidade Anhembi Morumbi), historiadora, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professora da graduação de Design de Moda e da pós-graduação de Direção de Criação em Moda da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). Atua principalmente nas áreas de História da Moda, Teoria da Moda e Moda e Comunicação. Atualmente publicou os artigos *A Moda Tem História*, no jornal catarinense Notisul (2010) e *A moda invade as ruas: consumo jovem nos anos 1960*, na revista dObra[s] (2009).
mzandrade@gmail.com

simbolizou a rebeldia comportamental juvenil no Brasil, divulgando-a principalmente por meio da música e da moda.

Roberto Carlos consagrou-se nos anos 1960 apresentando, ao lado de Wanderléa e Erasmo Carlos, o programa de TV Jovem Guarda, exibido entre 1965 e 1968, pela Record, então dirigida por Paulo Machado de Carvalho. Este, percebendo a efervescência juvenil do período, decidiu colocar no ar um show desenvolvido especificamente para o público adolescente, inovador na forma e no conteúdo: cenários inventivos serviam de plano de fundo para que jovens mostrassem seus dotes musicais para outros jovens espalhados pelo Brasil. Mais do que difundir música, este programa teve a função de divulgar o comportamento jovem, principalmente lançando uma moda inusual para os padrões da época.

Na exposição "50 Anos de Música na Oca", em homenagem aos 50 anos de carreira do cantor e compositor (realizada entre 05 de março e 09 de maio deste ano, com curadoria do designer Marcello Dantas e patrocínio da empresa Nestlé e do banco Itaú), foi possível encontrar pistas sobre sua importância como o primeiro ícone pop juvenil, quiçá o momento mais controverso de sua carreira. Digo "pistas", pois os quatro andares da Oca não revelaram ao público nada daquilo que já não se soubesse sobre sua carreira, nos diversos períodos. Estava lá, no andar térreo, parte do figurino polêmico que Roberto Carlos usou para apresentar-se nos anos 60 e 70, provocando os bons costumes da família brasileira (também foram exibidos os ternos mais convencionais dos anos 80, além de alguns poucos acessórios como chapéus e boinas): camisas ajustadas de lurex prata, dourado e azul, uma camisa vermelha de seda e outra do mesmo material azul-claro, bordada com rendas formando um babado, o casaco cinza felpudo usado no filme *Roberto Carlos em Ritmo de Aventura* (1967), um terno boca-de-sino de veludo vermelho-escuro e, ainda, uma contestadora jaqueta de couro. As peças, utilizadas pelo cantor em diversos momentos de sua carreira (desde os anos 60 até pelo menos os 90), não continham

datação ou mesmo qualquer texto informativo. Porém, por meio destas, foi possível vislumbrar a transformação de costumes então em andamento: pela primeira vez homens brasileiros, principalmente do meio artístico, utilizariam cores e formas antes restritas ao universo feminino, incitando fãs a imitar este estilo provocador.

Os trajes, infelizmente, tanto para o público como para o (a) pesquisador (a) de moda, não foram expostos em manequins, nem sequer ganharam uma seção à parte. Estavam distribuídos no piso térreo, circundando as paredes da Oca, iluminados de maneira insuficiente e, ainda, protegidos por vidro. Infelizmente, repito, pois é por meio de suas roupas, inclusive, que se pode claramente perceber a capacidade camaleônica de Roberto Carlos ao longo desses cinquenta anos de carreira: rebelde à la *Beatles* nos anos 60, *hippie* nos 70, ecologista-romântico no começo dos 90 (lembra da pena em meio aos cabelos longos?) e homem maduro com algo ainda de rebelde – se considerarmos que Roberto Carlos sempre manteve seus cabelos compridos – ao longo dos 90 e 2000. Entretanto, do jeito como expostos, dispersos, os trajes não tiveram força para representar o conjunto de uma obra.

O mais interessante da exposição ficou por conta da seção audiovisual concentrada principalmente no primeiro andar (alguns vídeos também foram exibidos no subsolo). Neste espaço, deu para perceber como foi construído o seu “reinado” baseado não só em uma, mas sim em diversas imagens. Foram montados três “cinemas” temáticos, com telões enormes. Em cada um deles tínhamos a oportunidade de sentar em diferentes cadeiras: bancos de automóveis, lambretas e uma poltrona ovular, todas reproduzindo a atmosfera dos anos 60. Os documentários produzidos por Carlos Nader, principalmente o da fase da Jovem Guarda, apresentam imagens raras sob uma narrativa que conta o passado do cantor por meio de depoimentos recentes.

De forma geral, Roberto Carlos foi apresentado como o mito, a celebridade musical carismática e popular que, ao longo de 50 anos, incorporou diversos perfis, todos apoiados em uma conduta exemplar – não há na exposição evidências de momento polêmico em sua carreira: a fase de ídolo pop rebelde, e a importância como modelo de contestação de valores, aparece como um parêntese, corroborando a própria atitude que o cantor assumiu posteriormente a respeito desse período. Atestam o alcance de sua fama um incontável número de troféus, internacionais e nacionais, uma parede dedicada aos seus Discos de Ouro, além de diversos presentes de fãs, incluindo curiosos vídeos caseiros feitos em sua homenagem.

Não há separação entre o homem e a sua obra: "(...) o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si (...)".ⁱ A tentativa por parte da curadoria de cristalizar a "memória" e a "história" de Roberto Carlos, "selecionando (...) certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência"ⁱⁱ corrobora uma criação artificial de sentido. Não há, de acordo com Pierre Bourdieu, em se tratando de uma construção biográfica, como separar o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa históriaⁱⁱⁱ, ou seja, não é possível compreender uma trajetória "(...) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou (...)".^{iv} Provavelmente, o próprio Roberto Carlos tem interesse em divulgar sua "(...) vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio (...) "^v, haja vista a censura imposta ao livro *Roberto Carlos em Detalhes*^{vi}, do historiador Paulo Cesar de Araújo, obra esta que, segundo o próprio autor, procura explicar o mito Roberto Carlos por meio de uma pesquisa sobre sua vida (Roberto Carlos declarou ter se sentido ofendido com "inverdades" publicadas na obra).^{vii}

A lenda Roberto Carlos parece ultrapassar a realidade tangível, figurando quase como um ser metafísico. Na exposição, sua vida “real” é algo que nem por uma fresta conseguimos vislumbrar, nem mesmo por uma seção de “fotos de família” apresentadas em conjunto em uma das paredes. O estilo das molduras nos dá a impressão de que os retratos foram transportados da sala de sua casa para o local. Porém, esta atmosfera intimista nada nos revela, pois não há identificação alguma nas fotos, demonstrando que a intenção da exposição é reforçar uma imagem já sedimentada no imaginário popular – tampouco havia um setor algum que oferecesse livros (fato comum em grandes eventos deste tipo) sobre Roberto Carlos, ou mesmo sobre música em geral (o que talvez revele certo preconceito dos organizadores, pressupondo que o público ali presente seria avesso a livros, e à leitura, portanto), apenas uma plataforma montada para vender os CDs que o cantor lançou ao longo da carreira (pela primeira vez a discografia completa de Roberto Carlos foi reunida, incluindo discos gravados em português, espanhol, italiano francês e inglês, em um total de 90 discos, sendo 37 internacionais, com 984 músicas no total, com exceção das coletâneas). Também não foi produzido um catálogo - as únicas informações disponíveis estavam em um pequeno *folder* que trazia apenas indicações sobre o que poderia ser visto em cada andar.

A imagem construída de “mito incontestado” difundida pelos meios de comunicação em todos esses anos é apenas reiterada em cada detalhe exposto. As imagens audiovisuais (tv e cinema) e os objetos dispostos em forma de relicário são apresentados em uma relação de idolatria, jamais de revelação. Talvez uma brecha em meio a tudo isso tenha sido a presença de um discreto carro da marca Ford, modelo Escort Guarujá, de cor preta, fabricado 1992. Este seria o automóvel que o cantor utiliza para passear incólume por São Paulo, em uma tentativa de ser apenas uma pessoa comum e se despir, mesmo que momentaneamente, do seu manto midiático de realeza.

ⁱ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 188.

ⁱⁱ Idem, p. 184-185.

ⁱⁱⁱ Idem, p. 183.

^{iv} Idem, p. 190.

^v Idem, p. 189.

^{vi} ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Roberto Carlos em detalhes*. Rio de Janeiro: Planeta, 2006.

^{vii} SALOMÃO, Graziela. "Meu livro ajuda a explicar o fenômeno Roberto Carlos". *Revista Quem Online*. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EOG1383511-3428,00.html>. Acessado em 11/12/2010.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Roberto Carlos em detalhes*. Rio de Janeiro: Planeta, 2006.